

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 27

Adriana Calzavotto
Totinho Villeroy



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANCE

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

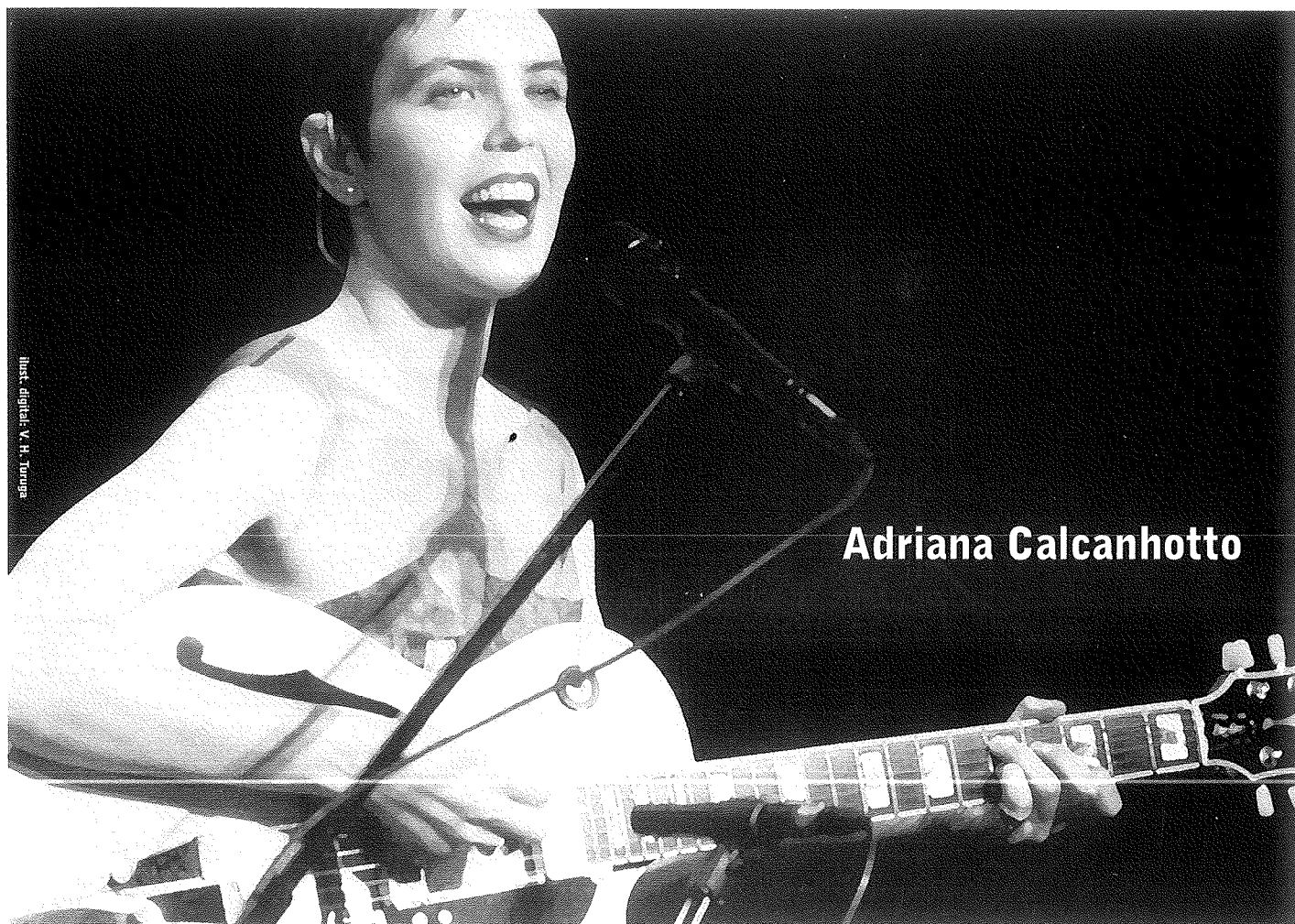
R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Ilustr. digital: V. H. Tunga

Adriana Calcanhotto

Nas entrevistas, Adriana Calcanhotto deixa transparecer segurança e a sensação de que é uma artista totalmente consciente do que quer da sua vida e da sua carreira. E sua biografia só confirma isso. Lá está o envolvimento com as artes plásticas, com o teatro, com o esporte, com a literatura e, claro, com a música. Lá também está a coragem e a determinação para seguir em busca de seus objetivos e uma grande disposição para o novo, para a provocação. Adriana demonstrou isso quando, com apenas onze anos, já se arriscou a escrever suas composições. Ou quando se dedicou ao tênis, à leitura dos modernistas, e também quando resolveu sair de casa para ser independente. Nas suas primeiras aparições, como cantora ou atriz, nos palcos de Porto Alegre, Adriana já instigava, mostrava que era diferente, que tinha garra para conquistar o país.

O Rio de Janeiro e São Paulo, que normalmente são destinos frustrantes para a maioria dos artistas do Rio Grande do Sul, se renderam ao talento de Adriana logo nas primeiras apresentações. Naquele final de anos 80, eram poucas as mulheres da música brasileira que dominavam a composição, o instrumento e a voz. E este talvez seja um dos grandes méritos da artista: a possibilidade de encarar um palco sozinha para mostrar sua própria música. E seu trabalho revela coragem, inteligência, ousadia. Os cinco discos que lançou até hoje comprovam isso. Se hoje Adriana Calcanhotto pertence ao primeiro time da nova geração da música popular brasileira foi por essa grande vontade de vencer, por essa capacidade de correr riscos, de não esmorecer diante das dificuldades.

Adriana, com razão, não gosta das comparações com Elis Regina. Ambas são muito competentes e tiveram a mesma origem geográfica, mas são de gerações diferentes e têm propostas diferentes, posturas diferentes e maneiras distintas de lidar com a carreira e o sucesso.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



Cronologia Biográfica:

Adriana da Cunha Calcanhotto

Adriana Calcanhotto

1965 - Nasce em Porto Alegre, no Hospital São Francisco, no dia 03 de outubro, filha de Morgada Cunha, bailarina, e Carlos Alfredo Calcanhotto, músico. O casal, de acentuada formação artística, ainda teria Cláudio, nascido três anos mais tarde, hoje baterista.

1970 - Ouve na rádio AM, com sua babá, nomes como Wanderley Cardoso, Jerry Adriani, Roberto Carlos e a canção *Devolva-me*, sucesso de Lilian Knapp e Renato Barros que nunca esqueceu. À noite, com os pais, ouve o repertório deles: Astor Piazzolla, "Pink Floyd", Miles Davis, João Gilberto, Edson Machado, etc.

1971 - Ganha de presente da avó um violão. Inicia as aulas com um professor que só gostava de Tom Jobim e João Donato (ou seja, gostava mesmo era de piano).

1977 - Faz aulas de piano com uma professora particular e joga tênis obstinadamente; nesta época, so-



nhava se tornar tenista e disputar torneios e campeonatos.

1978 - Retoma o violão e começa a inventar as próprias composições, chegando a escrever uma safra de trinta canções, todas perdidas.

1979 - Deprimida com a separação dos pais, desenha e pinta o dia inteiro trancada no quarto e ouve discos de Maria Bethânia, Caetano Veloso, Luiz Melodia, Elis Regina e MPB em geral. Lê diversos livros sobre o Modernismo no Brasil, descobre Oswald de Andrade, Mário, Tarsila, Pagu e a antropofagia; fica fascinada.

1984 - Em outubro, sai da casa da mãe para "ser independente e ganhar o mundo". Aluga um apartamento em um prédio onde, no térreo, há um restaurante chamado Tigela de Barro. O dono a convida para cantar lá. Inicia, assim, a carreira musical.

1985 - É contratada para cantar em um bar, o Fazendo Artes. Inicia aulas de técnica vocal com a cantora lírica Déa Mancuso. Decide parar de cantar na noite e inicia a trajetória de compositora e performer, visando aos espaços teatrais da cidade. Em abril, estréia o primeiro espetáculo, "Tupiniquim". Em maio, vai a São Paulo pela primeira vez, fica hospedada na casa do ator Rubens Caribé. Na volta para Porto Alegre, monta um novo show onde toca guitarra, chamado "Urucubaca". Apresenta-se no Fazendo Artes e no Kafka.

1986 - Convida Luciano Alabarse para dirigir seu show. Em fevereiro, eles estréiam "Crepom". Depois montam juntos um show com inspiração antropofágica "A Mulher do Pau Brasil". Faz alguns shows de voz e violão com a cantora Luciana Costa.

Estréia como atriz, encenando Jean Genet na peça "O Balcão", encenada (pela primeira vez em Porto Alegre) por Luciano Alabarse. Em dezembro, estréia no Porto de Elis "Sei que Estou Errada", show com direção de Luciano, em que divide o palco com Tânia Carvalho e Annie Perce. O show é um enorme sucesso de público e crítica e tem diversas sessões extras.

1987 - Em janeiro, estréia o show "Nunca Fui Santa" com canções de carnaval de todos os tempos, composições próprias, como *Um gato* e *Implacável*, além de canções de Gilberto Gil, Eduardo Dusek e Roberto Carlos. Em março, participa de homenagem à Elis Regina no Theatro São Pedro junto com artistas locais e estréia "Vítima", show mais jazzista e urbano.

Em agosto, leva "Vítima" para São Paulo, no badalado Espaço Off e no Madame Satã; participa de "Outubro ou Nada", um espetáculo de música, poesia



e teatro com os atores Eliane Steinmetz, Ivan Mattos, Izabel Ibias e direção de Luciano Alabarse. Em outubro, estréia no Teatro Renascença "Outubro ou Nada", com a participação de Ricardo Severo. Em novembro, estréia "Fonseca's Gang" com Valéria Venturini e Ricardo Severo, no Porto de Elis. Em dezembro, no Gigantinho, faz uma performance como "Miss Brasil 2000", aparecendo nua no show de Rita Lee, a convite dela.

1988 - Em janeiro, vai para São Paulo com "Fonseca's Gang". Canta no Centro Cultural São Paulo, na "Semana Elis". Na volta a Porto Alegre, em março, estréia "Batom", show dirigido por Luciano Alabarse que tem temporada prorrogada com recorde de público na sala Álvaro Moreyra. Em maio, grava, com participação do irmão Cláudio, um videoclip para a RBS, com direção de Cunha Jr, *Suspeito*, canção de Arrigo Barnabé.

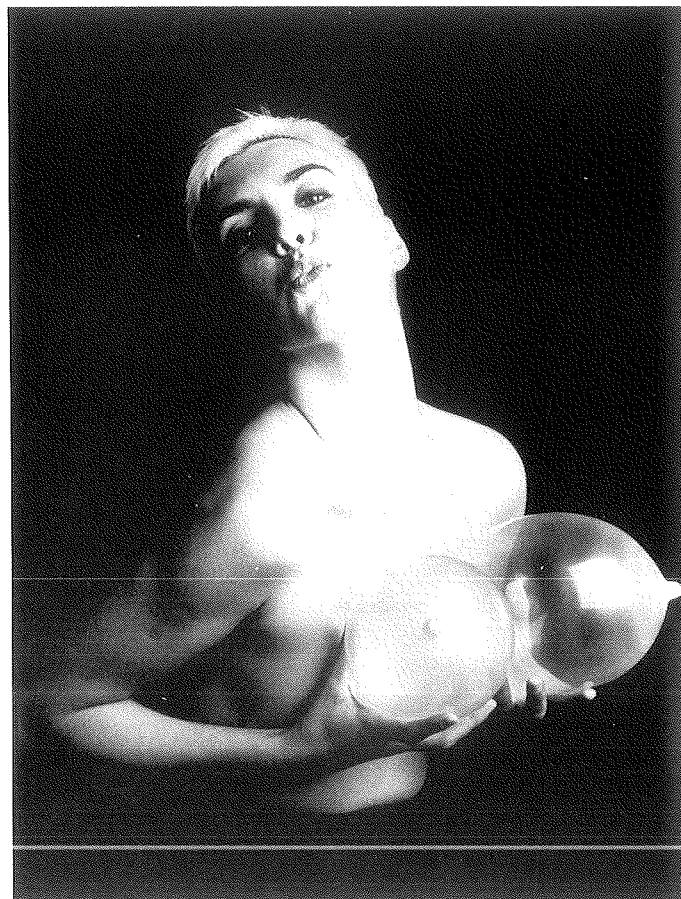
Em julho, estréia em São Paulo, no Teatro Caetano de Campos (no Projeto Adoniran) e depois no Madame Satã, o show de voz e violão "Infinitivamente pessoal". Em dezembro estréia "A Outra" em Porto Alegre, no Espaço IAB, show de voz e violão dirigido por Luciano Alabarse. Ganha o Prêmio Quero-Quero de Melhor Trilha Original por "Gudula, a Bruxinha de Pano", peça infantil de Delmar Mancuso.

1989 - No dia 13 de fevereiro, chega no Rio de Janeiro a convite de Maria Lucia Dahl que a hospeda. Estréia um show com os melhores momentos de seus espetáculos anteriores, no Mistura Up, em Ipanema.

O Caderno B do Jornal do Brasil publica a crítica de Paulo Adário "Talento à Pampa", e o show vai sendo prorrogado, virando assim uma temporada de cinco semanas. Miguel Faria e Susana Moraes a convidam para fazer a voz da cantora "Stelinha" no filme, com várias premiações no Festival de Cinema de Gramado. Faz uma temporada do mesmo show em São Paulo no L'Honorable Societá e grava um especial para a TV Manchete.

Assina contrato com a CBS para seu primeiro disco, produzido por Mazolla. Canta no Festival de Jazz de Montreux onde assiste a João Gilberto ao vivo pela primeira vez. Na volta para o Brasil, inicia as gravações do disco em dezembro. Participam Raphael Rabello, Dori Caymmi, Wagner Tiso, Renato Borguetti entre outros grandes músicos.

1990 - Em abril, *Enguiço* é lançado. Fernando Collor confisca as cadernetas de poupança, e a turnê que está sendo montada perde o patrocinador. Mesmo assim, faz a primeira turnê de voz e violão pelo Brasil. A canção *Naquela Estação* entra na trilha da novela A Rainha da Sucata da TV Globo. Zelito Vianna grava um homevídeo deste show (lançado pela CBS) na temporada do Teatro Rival, no Rio.



1991 - Turnê pelo Brasil. Em 31 de maio posa, em Porto Alegre, para Iberê Camargo que pinta três retratos seus. Ganha o 4º Prêmio Sharp de Música como Revelação Feminina, por *Enguiço*. Escreve uma safra de novas composições e inicia a pré-produção de um disco.

1992 - Convida o saxofonista Ricardo Rente para co-produzir seu segundo disco. Grava *Senhas*, enquanto faz temporadas de voz e violão no People e com a banda (e participação da "Mangueira do Amanhã") no Teatro Rival. Em julho, apresenta-se em Porto Alegre com a "Orquestra de Câmara do Teatro São Pedro", cantando suas composições com arranjos de Celso Loureiro Chaves. Em julho, lança seu segundo disco, *Senhas*, que é muito bem recebido pela crítica.

1993 - Faz mais uma turnê pelo Brasil, de voz e violão. *Mentiras* entra na trilha sonora da novela Renascer da TV Globo e estoura nas rádios do Brasil, ficando meses em primeiro lugar nas paradas de sucesso. Escreve *Abril*, uma encomenda para Leila Pinheiro. Faz seu primeiro show no Canecão. Recebe disco de ouro por *Senhas*. Em dezembro, encerra a turnê no Rio de Janeiro, depois de 170 apresentações.



1994 - Faz outro concerto com a "Orquestra de Câmara do Theatro São Pedro" com arranjos de Celso Loureiro Chaves para suas canções.

Em março, vai a Nova Iorque pela primeira vez com Antonio Cícero, Marcelo Pies e Waly Salomão. Na volta para o Brasil, concebe, compõe e grava *A Fábrica do Poema*, com produção de Mayrton Bahia.

Renova o contrato com a Sony Music. O CD é lançado em dezembro. Metade entra na trilha sonora da novela Quatro por Quatro da TV Globo. A crítica do Rio de Janeiro considera-o "o disco do ano".

1995 - Faz shows de lançamento do CD pelo Brasil. A convite da Editora Nova Aguilar, musica alguns poemas do poeta português Mário de Sá-Carneiro e os apresenta em uma performance realizada na Livraria Argumento, no Rio, no lançamento das obras completas do poeta no Brasil.

Em setembro, posa para o Caderno Ela do jornal O Globo, caracterizada como Frida Kahlo (a pintora Mexicana). Seu apartamento é roubado e levam todos os seus CDs. Este fato a deixaria em depressão por longo tempo. Escreve *Canção Por Acaso*.

1996 - Vai a Buenos Aires pela primeira vez (Projeto Semana de Porto Alegre em Buenos Aires) e faz um show memorável. Maria Bethânia grava *Âmbar e Uns Versos*, de sua autoria. Cria a capa do CD da cantora Belô Velloso. Inicia temporada no Teatro Rival, começa a compor a canção *Maritmo*. Apresenta *Parangolé*



Pamplona, a canção ainda não totalmente acabada, na inauguração do Centro de Artes Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro.

1997 - Vai a Nova Iorque com Marcelo Pies e Antonio Cícero. Na volta, inicia o trabalho de um novo CD com produção de Liminha. Em setembro, grava com a participação de Dorival Caymmi *Quem Vem Pra Beira do Mar*, canção dele. Revela, em entrevistas, estar passando por uma crise artística.

1998 - Em janeiro, compõe *Vamos Comer Caetano*. Machuca o joelho andando de bicicleta, passaria a usar muletas por um bom tempo. Grava novamente com Caymmi (por causa de problemas técnicos com a primeira gravação). Compõe e grava *Vambora*. A finalização do CD é muito complicada por causa dos samples e suas autorizações.

Lança *Maritmo* enquanto dedica-se à fisioterapia. *Vambora* entra na trilha da novela Torre de Babel da TV Globo. Ensaia para o novo show e estréia "Maritmo" no Porto, nos Jardins do Palácio de Cristal (Animação de Verão 98) em sua primeira visita a Portugal. Faz diversos shows pelo Brasil. Em setembro, faz um show com Caetano Veloso no Metropolitan, no Rio de Janeiro. Em outubro e em dezembro, leva "Maritmo" para o Canecão onde recebe o Disco de Ouro por mais de 100 mil cópias vendidas.

1999 - No dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, canta a composição *Cariocas* ao vivo do Cristo Redentor para o RJ TV da Rede Globo. Inicia as gravações de um CD infantil, mas acaba desistindo do projeto. Rompe o contrato com a Sony Music e assina com a BMG.

É convidada para inaugurar o Garden Hall no RJ. Em novembro, estréia e grava, ao vivo, "Clandestino ou Ilegal, Imoral ou Engorda ou Se o Amor é Fantasia, Eu me Encontro Ultimamente em Pleno Carnaval", um show solo de voz e violão com participação especial do percussionista Marcelo Costa.

2000 - Em janeiro, edita com o produtor Dudu Marote, em São Paulo, o CD ao vivo. Em março, vai para Nova Iorque mixar e masterizar o quinto CD. Em abril, é lançado *Público* no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o MAM. A turnê pelo Brasil começa por São Paulo. *Vambora* ganha o Prêmio Sharp de 1999/Melhor Canção Pop-Rock.

Canta na Maison de France do Rio de Janeiro, a convite da Editora Nova Fronteira, cinco poemas que musicou de Jacques Prévert nas comemorações do centenário do poeta. *Devolva-me* entra na trilha sonora da novela Laços de Família e estoura nas rádios do



Com Dorival Caymmi

Brasil. Filma o videoclip *Devolva-me* com três diretores, (Susana Moraes, Lírio Ferreira e Palito). Temporada no Teatro Rival.

Em outubro, vai a Portugal com "Público", canta em Lisboa no Grande Auditório da Culturgest, no Porto e em Barreiro, e é calorosamente recebida. Continua a turnê pelo Brasil. Mais uma temporada no Teatro Rival e shows pelo Brasil.

2001 - Ganha o Troféu Imprensa do SBT de Melhor Cantora e Melhor Canção com *Devolva-me*. É indicada, em três categorias, ao Prêmio Multishow de Música. Em março, filma em São Paulo, no Directv Hall, o show "Público" para DVD e especial da Directv, com direção de Susana Moraes e Jodele Larcher.

Canta em Lisboa como convidada especial, em transmissão ao vivo pela RTP-1, na entrega dos "Bordalos", prêmio anual da televisão portuguesa. Em maio, encerra a turnê brasileira de "Público", no ATL Hall do Rio de Janeiro, depois de 120 shows e 400 mil cópias vendidas.

Em 18 e 19 de maio, leva "Público" para Buenos Aires, sucesso absoluto de público e crítica. Canta no Teatro Municipal do Rio, na entrega do Prêmio Multishow de Música, transmitido ao vivo pelo canal Multishow.

Em 27 de maio, participa, no Museu do Açude, no Rio, junto com o poeta Waly Salomão e a bateria da "Estação Primeira de Mangueira", da inauguração da obra permanente de Hélio Oiticica, Magic Square Garden-5.

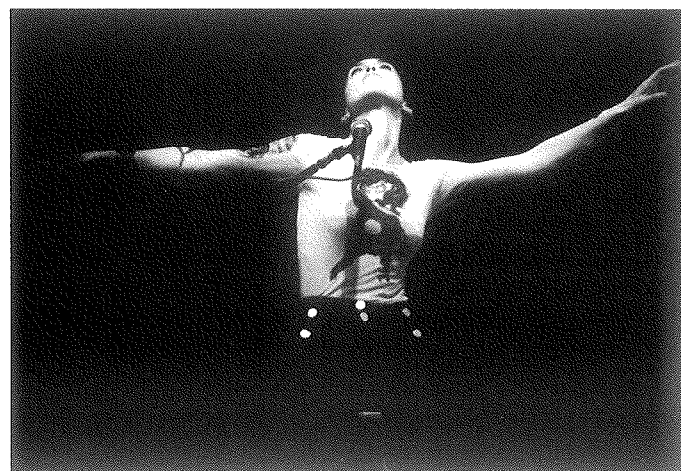
Em junho, estréia na Directv o especial "Público". De 20 a 31 de junho, faz, em seis cidades portuguesas (Porto, Coimbra, Guimarães, Lisboa, Aveiro e Viseu), o show "Adriana da Cunha Calcanhotto", criado especialmente para essa pequena turnê, onde é acompanhada por Zeca Assumpção no baixo acústico e Marcos Suzano na percussão, com participação especial do guitarrista português Antonio Chainho. Em Lisboa, recebe Disco de Ouro por *Público*.

Depoimentos

" Acho que comparações são sempre redutoras; não vejo nenhum artista que goste disso. Percebo que é realmente inevitável responder (ainda) a essa pergunta, mas a considero muito tola. Sim, nasci em Porto Alegre (como Elis Regina); sim, exerço minha música no centro do país (como Elis Regina), mas eu sou uma autora que também pode interpretar, e Elis era uma cantora, uma intérprete virtuose. Elis estabeleceu seu território principal em São Paulo, e eu no Rio; eu me relaciono com meu repertório de maneira muito diferente de Elis, e a relação de Elis com o Rio Grande do Sul era bastante complicada, e a minha não é."

" Minha composição não se dá de forma sempre igual, depende do que é que estou fazendo, para quem é, depende de muitas coisas, de algumas eu nem tenho total consciência, mas basicamente eu necessito de um tipo de esvaziamento do trabalho imediatamente anterior; quer dizer, eu preciso me desligar de um disco ou de um show para poder começar uma coisa nova e depois eu preciso de tempo para trabalhar essa coisa nova. Eu gosto muito do trabalho de lapidação de uma letra ou de uma música ou do que quer que seja que eu esteja fazendo, e isso inclui as pausas, o abandono daquilo por um tempo, um tempo de decantação que é importantíssimo para depois retomar a lapidação e depois decantar de novo até que a pressão (externa) para finalizar o trabalho seja insuportável; então finalizo, ou melhor, entrego."

" A música do Rio Grande do Sul tem força e identidade próprias, que eu acho que é o mais importante de tudo. Dos roqueiros aos tradicionalistas, todos vivem a música com muita intensidade; o Rio Grande do Sul tem muita informação e cultura musical. Não tenho conhecimento sobre as relações da música produzida aí com o Mercosul, mas vi que, na Argentina por exemplo,





as pessoas estão informadas sobre alguns trabalhos, como o do Vitor Ramil, do Bebeto Alves e mesmo da Muni que é uma cantora maravilhosa e que eu acho que o Brasil (e o Mercosul e o mundo) precisa conhecer urgentemente."

" A cultura gaúcha tem a comunicação que pretende ter com o resto do Brasil, ou seja, se mais não se comunica, é porque não tem esse desejo. Eu acho muito interessante a quantidade de pessoas que não veio e não virá para o 'centro' do país tentar a sorte ou arriscar um lugar no mainstream ou mesmo fora dele. É louvável, eu admiro. Eu mesma não tenho esse temperamento. Desde muito pequena, talvez antes de saber que gostaria de fazer um trabalho com música, eu sempre quis sair da minha cidade, ganhar o mundo, botar o pé na estrada, eu sempre soube que não ficaria. Não sei dizer como o Rio Grande do Sul 'é visto' aqui onde vivo. Acho que as questões artísticas superam as geografias."

" O atual momento da música brasileira é rico, múltiplo; os novíssimos estão dispostos a afirmar sua identidade, a arriscar mais. Por outro lado, no que concerne à indústria fonográfica, apesar de todos só falarem em crise, eu acho que é o momento ideal para se verificar a morte desse sistema tão antigo e empobrecedor do jabá, da não numeração dos discos, da pirataria. Acho que o Napster contribuiu para o avanço da discussão dessas questões, e isso é ótimo."

" Vale a pena ser artista no Brasil, ser professor no Brasil, ser gari no Brasil; eu acho que o Brasil vale a pena e considero um privilégio podermos inventar o Brasil, diariamente. Se eu tivesse filhos provavelmente os estimularia a fazer qualquer coisa que decidissem fazer, desde que com amor e integridade."

Declarações à Ivete Brendalise
(Programa Primeira Pessoa / TVE-1998):

" Sou muito tímida na minha vida pessoal. Corro até o risco de parecer antipática por isso. Mas no palco não. A Maria Bethânia diz que é importante ter aquele 'frio na barriga', que é ele que move o artista, mas eu não tenho isso. Costumo brincar dizendo que sou do Rio Grande do Sul e não tenho medo de nada."

" Em arte, há muitas vertentes que me interessam; hoje está mais claro para as pessoas que meu trabalho é formado por várias camadas, que me interesse por várias coisas diferentes ao mesmo tempo e que é possível que elas convivam. Ao invés de reduzir isto ao termo 'eclético', está mais claro que me relaciono com música

como um meio de fazer meu trabalho, que não é só música, nem só teatro, nem só artes plásticas, nem só poesia...; faço uma coisa que, tomara, não tenha nome. Me interesse pelas questões pop, não só em música, mas no 'produto pop', desde artes plásticas, passando por Andy Warhol, Rolling Stones, desaguando na minha geração e na geração posterior à minha."

" Fazer coisas é sempre muito difícil. Não traço metas, apenas vou fazendo. Acho bacana quando vivo um momento em que as pessoas me entendam, mas há também uma conquista do meu interesse em ser clara. Gosto de correr riscos, de fazer coisas que ainda não fiz. Assim a gente erra muito, mas é isso mesmo que tem graça. Estou em constante construção como artista, como mulher e como cidadã."





Esquadros

Adriana Calcanhotto

EU AN DO PE LO MUN DO PRES TAN DOA TEN ÇÃO EM CO RES QUE NÃO SEI O NO ME...

CO RES DEAL MO DÓ VAR CO RES DE FRI DA KA LO CO MES SEI

O DE LOES CU RO HU PRES TO MEI TAA TEN ÇÃO NO QUERO MEU IR MÃO QU VE MAS

CO MOU MA SE GUN DA FE LEUM CA LOU MA CAS CA U MA CAP SULA PRO TE TO RA BU

QUE FO CHE GAR AN TES FRA SI NA LI ZAR OES TAR DE CA DA COI

SA PH TRAR SEUS GRAUS EU AN DO PE LO MUN DO TEN TEN DO GEN TI CHO

MEU AMOR A MOR CA DE VO CÊ EU A COR DEI NÃO TEM NEN GUÉM AO LA DO

PE LA JA NE LA...

Eu ando pelo mundo prestando atenção
 Em cores que não sei o nome
 Cores de Almodóvar, cores de Frida Kalo, cores
 Passeio pelo escuro eu presto muita atenção
 No que o meu irmão ouve
 Mas como uma segunda pele, um calo, uma casca,
 Uma cápsula protetora
 Eu quero chegar antes pra sinalizar
 O estar de cada coisa, filtrar seus graus
 Eu ando pelo mundo divertindo gente
 Chorando ao telefone e vendo doer a fome
 Nos meninos que têm fome

Pela janela do quarto, pela janela do carro
 Pela tal janela quem é ela, quem é ela
 Eu vejo tudo enquadrado (remoto controle)
 Eu ando pelo mundo e os automóveis correm pra quê?
 As crianças correm pra onde?
 Transito entre dois lados, de um lado eu gosto de opostos
 Exponho meu modo e me mostro, eu canto pra quem?
 Pela janela...
 Eu ando pelo mundo e os amigos cadê?
 Minha alegria, meu cansaço
 Meu amor cadê você, eu acordei não tem ninguém ao lado
 Pela janela...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Mentiras

Adriana Calcanhotto

NA... DA FI... COU... NO LU GAR...
 EU QUE... RO QUE... HRAR... ES... SAS X... ICA... RAS...
 EU... VOU... EN GA... NAR... O DI... A... BO...
 EU... QUE... ROA... COR... DAR... SUA... FA... MI... LIA...
 EU... VOU... ES... CRE... VEM... NO... SEU... MU... RO...
 E... VI... O... LEN... TAR... O... SEU... GOS... TO...
 EU... QUE... RO... RUI... HAR... NO... SEU... JO... GO...
 EU JÁ... AR... RA... NHEI... OS SEUS... DIS... COS...
 QUEE PRA VER... SE VO CÊ... VOL... TA... QUEE PRA VER... SE VO CÊ... VEM...
 QUEE PRA VER... SE VO CÊ... O... LHA... PRA MIM...

Nada ficou no lugar
 Eu quero quebrar essas xícaras
 Eu vou enganar o diabo
 Eu quero acordar sua família
 Eu vou escrever no seu muro
 E violentar o seu gosto
 Eu quero roubar no seu jogo
 Eu já arranhei os seus discos
 Que é pra ver se você volta
 Que é pra ver se você vem
 Que é pra ver se você olha pra mim

Nada ficou no lugar
 Eu quero entregar suas mentiras
 Eu vou entregar suas mentiras
 Eu vou invadir sua aula
 Queria falar sua língua
 Eu vou publicar seus segredos
 Eu vou mergulhar sua guia
 Eu vou derramar nos seus planos
 O resto da minha alegria
 Que é pra ver se você volta
 Que é pra ver se você vem
 Que é pra ver se você olha pra mim

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.

Totonho Villeroy



É um prazer apresentar Totonho Villeroy e sinto-me muito à vontade para falar deste artista talentoso de múltipla expressão, do amigo batalhador, em quem admiro a coragem de estar sempre abrindo novas frentes de luta para levar seu trabalho. E, mais ainda, admiro em Totonho o grande artista brasileiro, gaúcho e porto-alegrense, ainda que nascido em São Gabriel. Com Totonho, aprendi muito sobre a história da música e sobre a música em si.

Com treze anos de idade, Totonho ganhou seu primeiro violão e um método de aprendizado musical. Aos quinze, já participava, com composição sua, do Festival Anchietano da Canção Estudantil. Filho de peixe, (seu pai, Gil Villeroy, compunha no violão e piano), a música popular brasileira esteve sempre presente em sua vida e em sua casa. A primeira banda de rock, "A Mursa", foi montada com os irmãos. Mais tarde, também com o irmão Gastão, veio a banda "Grupo Escolar".

Junto com a música, e inseparável dela, está seu caráter solidário e fraterno, expresso por Totonho na relação com os artistas da cidade, principalmente com os músicos. Seus projetos profissionais têm por característica serem mais amplos que sua carreira pessoal. Ao abrir espaço para a música, especialmente a feita no Sul, Totonho abrange o universo da música, dos músicos, dos amigos e parceiros, de uma geração diferenciada nos gêneros MPB, jazz, soul, nativista, milongas e samba, mas que se encontra no fazer musical.

Totonho é um grande batalhador da arte, em muito responsável pelo maior espaço que a música gaúcha ocupa hoje, nacional e internacionalmente. Foi o primeiro articulador de uma política de intercâmbio entre Porto Alegre e outros países do sul do continente. Em 1996, estabeleceu os contatos que permitiram a realização do Festival Sud a Sul, em Sanary-Sur-Mer, na França, sendo co-produtor do evento que apresentou dezenas de artistas de várias tribos, entre cartunistas, músicos, grupos de dança e teatro. Esta disposição em promover trocas culturais inspirou e ajudou a catapultar uma política cultural, que hoje se expressa em eventos como Porto Alegre em Montevideo, Porto Alegre em Buenos Aires, e respectivas contrapartidas.

Sua obra é rica musical e poeticamente. Músico inquieto, está sempre em aprendizado, indo da harmonia funcional à dodecafonía, passando por técnica vocal, contraponto renascentista e percussão africana, vai aumentando a sua bagagem, que resulta num trabalho cada vez mais solto, poético e envolvente. Versátil, compôs trilhas para espetáculos de teatro, dança, cinema, teatro de bonecos e musicais. Totonho foi também o articulador do *Juntos* com Gelson Oliveira, Bebeto Alves e Nelson Coelho de Castro, que originou um dos melhores shows e CDs já feitos em Porto Alegre.

Totonho Villeroy não pára. Compondo, gravando, participando de novos espetáculos, fomenta outras parcerias, faz turnês por todo Brasil, Europa de ponta a ponta. Cada novo trabalho seu é acontecimento saudado e reconhecido. Ganhador de prêmios Sharp (Revelação, em 92) e Açorianos (Melhor Disco, em 92, por *Totonho Villeroy* e, em 99, por *Juntos*), suas músicas estão também em outras vozes, em gravações de Ivan Lins, Belchior, Ana Carolina, Dudu Falcão e Eliana Printez.

Muito inquieto, é conhecido num bom pedaço do mundo, pois além de grande artista, é músico guerreiro, que constrói sua história, batalhando para que ela aconteça. Destaca-se na arte, na música e na relação com a vida em Porto Alegre e Brasil.



Cronologia Biográfica:

José Antônio Franco Villeroy

Totonho Villeroy

1961 - Nasce em São Gabriel (RS), em 19 de julho, filho de Heloíza Franco e Gil Villeroy. O pai tocava e compunha música popular ao piano e violão, tendo a canção *João Carreteiro* gravada por Paixão Côrtes.

1968 - Inicia o curso primário no Grupo Escolar Menna Barreto em São Gabriel.

1970 - Muda-se para Porto Alegre, onde prossegue os estudos no Grupo Escolar Uruguai.

1974 - Ganha um violão nylon e um LP de método de ensino musical de Jessé Silva. Logo começa a compor.



Irene Santos

1976 - Participa do Festival Anchieta da Canção Estudantil.

1977 - Com os irmãos, monta uma banda de rock chamada "A Mursa" (de mursilha), começa a se apresentar em escolas de 2º grau.

1980 - Ingressa na Faculdade de Agronomia da UFRGS.

1981 - Recebe seu primeiro cachê ao compor a trilha da peça teatral "Encontro no Bar", de Bráulio Pedroso. Monta a banda "Grupo Escolar" com o irmão Gastão, Fernando Corona, King Jim, Augusto Maurer e Ivo Eduardo. Estréia show no Teatro Israelita.

1982 - Vence o Musi-Puc com *Eta Moleque*. Curiosamente tem que entrar na Justiça para receber o prêmio que o promotor do festival não teve dinheiro para pagar. Começa a tocar em casas noturnas com Pedrinho Figueiredo.

1983 - Participa do Festival da UFRGS O Palco É Nosso com a música *Êxodo*. É premiado com o segundo lugar no Festival Grito de Alerta, com a canção *Entre Uma e Outra*, em parceria com Gastão.

1984 - Estréia no Teatro de Câmara o show "Do Outro Lado da Rua", seguindo para temporadas nos teatros Renascença e Reitoria da UFRGS, com turnê também pelo interior. A música *Êxodo* é selecionada para o disco coletânea *Unimúsica* da RBS. É gravada com acompanhamento da banda "CEP 90000".

1985 - Estréia o show "Meu Circo Também Voa" no teatro/bar Porto de Elis, seguindo para temporada no Teatro Renascença e interior do estado.

Apresenta-se pela primeira vez no Rio de Janeiro, na Sala Sidnei Müller (Funarte), com participação especial de Maria Rita e João Aquino.



Participa do Festival dos Festivais (Rede Globo), com a música *Do Outro Lado da Rua*. Compõe a trilha do filme "A TV que Virou Estrela de Cinema" (em super-8).

1986 - Em janeiro, viaja com a excursão "Coluna Voadora" do Circo Voador (RJ), por Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão. Monta, com Gelson Oliveira, o show "Prato Quente Temperado", com o qual percorre o interior do RS.

Participa do Seminário de Música Instrumental de Ouro Preto, onde estuda Harmonia Funcional com Jan Guest e frequenta vários *workshops* de José Miguel Wisnik.

1987 - Monta o show "Poemas in Vento". Muda-se para o RJ, onde se apresenta em casas noturnas com o show "Relógios de Camembert".

Passa a dar aulas particulares de harmonia e participa do disco *Diamond Land* de Toninho Horta.

1989 - Estuda contraponto renascentista com Hanz Joachim Koelreuter, técnica vocal com Eládio Gonzales e percussão africana com Mamour Bá. Compõe a trilha para teatro de bonecos "Histórias e Pré-histórias", de Cacá Sena.

1990 - Volta para Porto Alegre. Monta o espetáculo multimídia "Sim e Não", com direção de Marcus Barreto. Compõe a trilha da peça "Lovemenber", de Marcus Barreto. Monta o show "Entremente, Entrementes" com Fernando Pezão e Éverson Vargas. Estuda técnicas dodecafônicas com Arrigo Barnabé.

1991 - Compõe a trilha do curta metragem "Composição em Preto", de Cacá Sena e da peça "Fulano", de Marcus Barreto.

Lança seu primeiro disco, *Totonho Villeroy* (independente). Monta o show "Janela do Tempo", realizando turnê nacional por quatro anos.



Com Toninho Horta



Na Europa

1992 - Ganha os prêmios Sharp (Revelação) e Açorianos (Melhor Disco). Compõe a trilha da peça "Circo da Solidão", de Márcio Vianna (RJ).

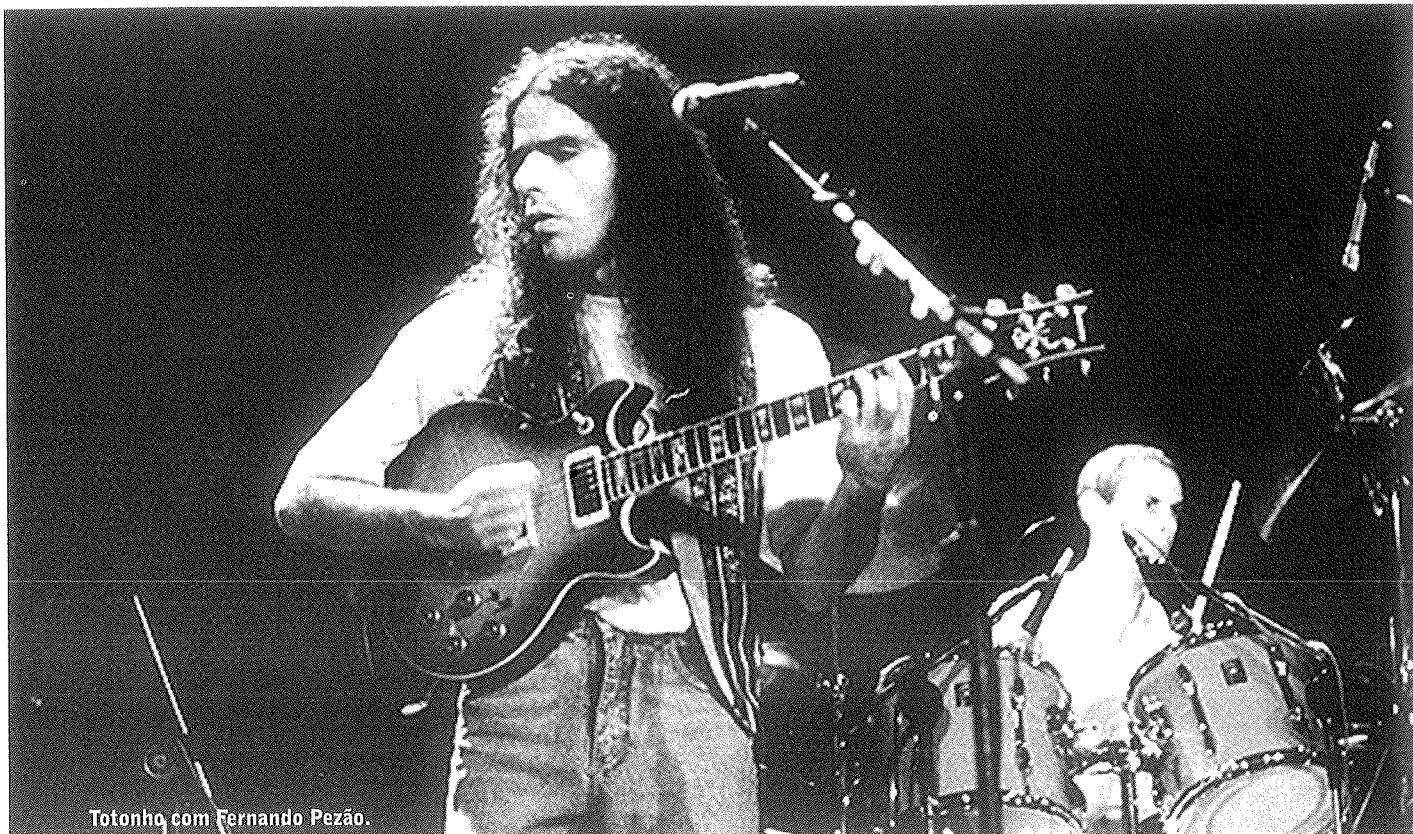
1993 - Compõe trilhas para a peça "Sonho de uma Noite de Verão" (de Shakespeare, com direção de Camilo de Lélis), para os musicais "O Convidado", "Ser Animal" e "Caixa de Ilusões" (de Eva Shull) e para o vídeo "Não Acredito em Bruxas, mas...", de Cacá Sena (RJ).

1994 - Compõe a trilha do espetáculo de dança "Chicabum", de Eva Shull.

Viaja para a Europa pela primeira vez com Gelson Oliveira, apresentando-se em 34 shows pela França, Suíça, Áustria, Itália e Alemanha.

1995 - Empreende a segunda turnê pela Europa. Inicia na França com Gelson Oliveira e segue sozinho pela Itália, Áustria e Alemanha.

Lança o CD *Trânsito* e relança o seu primeiro disco em CD (independente, com financiamento do Fumproarte (SMC/POA).



Totonho com Fernando Pezão.

1996 - Ganha o Prêmio Açorianos de Melhor Disco por *Trânsito*.

Co-produz o Festival Sud a Sul, em Sanary (França), do qual participam vários músicos, grupos de teatro e dança do Rio Grande do Sul.

Lança o vídeo-clip da música *Ruas*, gravado em Nova Iorque e POA, com direção de Renato Falcão. Segue apresentando-se com o show "Trânsito".

Faz a abertura do show de Gilberto Gil, na Brixton Academy, em Londres. Apresenta-se com o grupo do guitarrista Alegre Corrêa na Áustria.

Compõe, em parceria com Ricardo Severo, a trilha do espetáculo de dança "Nihil".

1997 - Realiza shows na Alemanha, Espanha e França. É convidado para integrar o espetáculo "Jobin's Friend" com jazzistas franceses, liderados pelo saxofonista Silvin Surdex.

Inicia no Brasil o show "Trânsito - II". Compõe a trilha da peça "A Oração", de Fernando Arrabal (direção de Túlio Quevedo).

A música *From Ruins of a Town*, do disco *Trânsito* é tema do filme "Neptune's Rocking Horse", do novaiorquino Robert Tate.

Faz o clip desta música, misturando imagens do filme com cenas de um show gravado no Auditório Araújo Vianna (POA), onde também estréia o show "Juntos

Acústico", com Nelson Coelho de Castro, Gelson Oliveira e Bebeto Alves.

1998 - O *Juntos Acústico* é gravado ao vivo no "Teatro Ranascença". Co-produz novamente o Festival de Sanary, desta vez em caráter nacional, participando Gilberto Gil, "Paralamas do Sucesso", "O Rappa" e Fernanda Abreu entre outros.

O espetáculo "Juntos Acústico" ganha o Prêmio Açorianos na Categoria MPB.

1999 - Apresenta-se com o "Juntos" em Montevideo e Buenos Aires (promoção da SMC/POA) e em Sanary. O CD do show ganha o Prêmio Açorianos de Melhor Disco.

A cantora mineira Ana Carolina grava suas composições *Tô Saindo* (incluída na trilha da novela Vila Madalena) e *Garganta* (incluída na trilha da novela *Andando Nas Nuvens* - Rede Globo).

2000 - Muda-se para o RJ. Começa a compor em parceria com Ivan Lins e tem estas e outras canções gravadas por vários músicos, como Dudu Falcão, Belchior e Eliana Printez. Compõe músicas para a peça "Hilário", de Jonas Bloch.

2001 - Compõe para o filme "Amores Possíveis", de Sandra Werneck e para o disco de Ana Carolina.

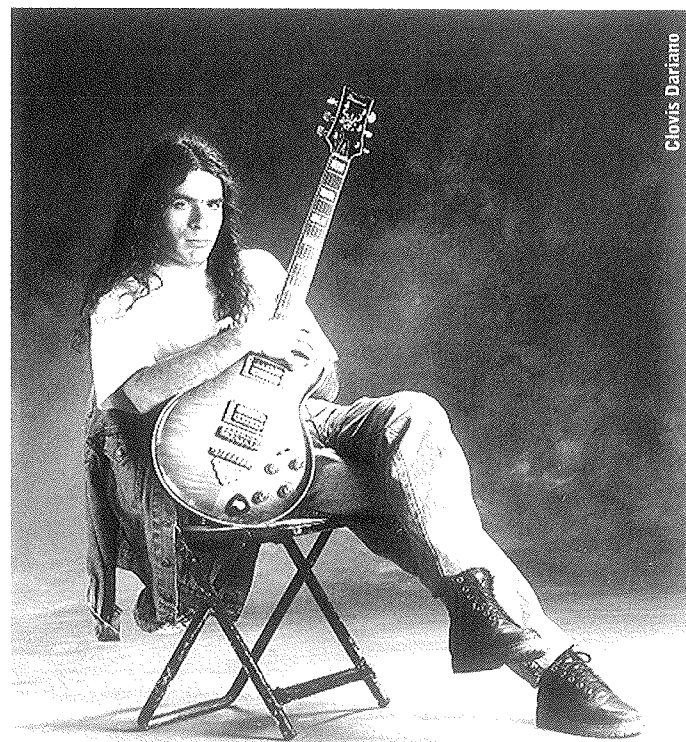


Depoimentos

" A cantora Ana Carolina foi em um show meu no Mistura Fina, no Rio, e comprou o disco. Tempos depois, assistia a dois shows dela em Belo Horizonte. Durante um deles, compus quatro letras de músicas. Fiz uma cópia num guardanapo e entreguei para ela, já com as idéias das músicas. Uns dias depois, gravei e mandei para ela, que começou a tocar nos seus shows. Logo ela foi contratada pela BMG e as músicas estouraram.

Apesar de todo o meu trabalho em shows e trilhas de teatro e filmes, desde que Ana Carolina gravou minhas músicas e elas entraram em trilhas de novelas, minha principal fonte de receita tem sido de direitos autorais. É que, além das canções tocarem bastante em rádio e TV, muita gente as está executando em shows por todo o Brasil."

" Ivan Lins ouviu as minhas músicas pela Ana Carolina e pensava em me procurar para fazer algumas letras para ele. Um dia, liguei para o Ricardo Baungarten para mostrar um samba novo e, casualmente, ele estava ensaiando com Ivan e Geraldo Flach. Pelo telefone mesmo, Ivan escutou o samba e disse ao Ricardo que estava me procurando e etc. Daí entramos em contato e ele já tinha Ladrão em andamento e me chamou para fazer a



Totonho com a banda "CEP 90000".

letra. Fui para casa dele no Rio e lá concluímos a composição."

" Normalmente faço a música e a letra ao mesmo tempo. As primeiras músicas que fiz, nem tocava violão; eram letras com melodias, partes A, B e refrão, aí ia preenchendo. Normalmente não partia do refrão, mas desenvolvendo o raciocínio desde o início.

Depois, durante um tempo, fiquei muito influenciado por Toninho Horta e Joyce, então eu já tocava bem o violão, aí comecei a procurar mais as harmonias e elas passaram a ditar um pouco o meu trabalho. Às vezes procurava alterar mais os acordes do que a própria melodia.

Durante este período, eu fazia as músicas primeiro e depois era muito mais difícil encaixar a letra. Nos meus primeiros shows, a crítica até dizia que eu devia fazer música instrumental, que letra não era a minha praia. Hoje privilegio a letra e penso em começar pelo refrão. Acho que melhorou muito."

" Não acho que possa me caracterizar como um compositor essencialmente gaúcho em termos de influências musicais. Explicando melhor: é que autores como Nelson Coelho de Castro, por exemplo, têm uma verbalização e uma intenção musical ligadas às coisas daqui mesmo quando fazem samba. Tem a ver com a vivência dele em Torres ou em POA. Isso projeta uma característica local que agora está ganhando força (com muita justiça). O Nei Lisboa também tem isso, que se identifica logo com música urbana daqui. Já Vitor Ramil e Bebeto Alves fazem pontes muito bem definidas com milongas e ritmos gaúchos, e isso tem boas possibilidades de projeção, não só no Brasil, mas até internacionalmente. São composições muito autênticas e reconhecidas como coisas do RS. O próprio Gelson, mesmo fazendo coisas de uma linguagem bem MPB e bluejazz, sinto nele algo a ver com a serra gaúcha. Eu já não tenho muito isso. Gostaria de ter.



Em outras regiões do Brasil, as pessoas identificam esses traços. Mas sou naturalmente mais ligado à bossa, ao funk e ao jazz. Cheguei a viver um conflito em relação a isso; sentia falta de uma identificação gaúcha na minha composição. Só quando viajei para Europa é que fui me sentir mais à vontade para me apropriar de uma característica essencialmente nacional."

"Essa música com características regionais gaúchas tem as mesmas dificuldades de projeção nacional que as de outras regiões. Tudo o que acontece nacionalmente tem que passar pelo crivo do RJ, da Rede Globo. Normalmente é a própria música do RJ ou a do nordeste, porque tem muito nordestino por lá. Em São Paulo também, mas como ali é o maior mercado consumidor do país, fica meio auto-sustentável. O Rio é que faz essa ligação nacional. Recentemente houve um processo de descentralização. Recife, por exemplo, vem se tornando um mercado forte, desde Chico Ciente, Lenine e outros. Com o RS, não acho que haja preconceito; o que existe são diferenças históricas e tem a ver com a auto-estima elevada dos gaúchos.

O RS é reconhecidamente mais organizado, diferente das outras regiões. Mas, internamente, a 'fábula dos caranguejos' foi uma realidade que só começou a ser superada de uns tempos para cá. Se a gente tivesse um mercado forte, com mídia e indústria suficientes, estes problemas deixariam de existir."

"O estado onde o povo é mais parecido com o do RS é Minas Gerais. Lá também tem uma certa tendên-

cia à introspecção, fazem uma música mais elaborada e um pouco melancólica. Acho que só estouraram antes dos gaúchos para o Brasil, porque estão geograficamente mais próximos do RJ. Imagina se juntassem essa quantidade de bons compositores que há no RS para uma coisa parecida com o 'Clube da Esquina'; seria uma maravilha. Ao mesmo tempo que existe um público imenso no Brasil para uma música de entretenimento, também tem quem procure mais qualidade e elaboração, como se faz aqui, com letras mais densas e longas. Acho até que aí está o meu ponto de identificação como compositor gaúcho. Noto que chama a atenção das pessoas o conteúdo das letras e a elaboração musical. No RJ sou muito procurado justamente para fazer letras."

"O futuro da música do RS ainda é uma incógnita para mim. Há muitas vertentes que ainda não foram suficientemente exploradas. O negro, por exemplo, começa a se manifestar mais intensamente, com posturas sociais diferentes do passado; também seguindo uma tendência mundial, as periferias urbanas começam a aparecer mais fortemente. A tradição da última vintena do séc. XX, a qual pertenço, era de músicos de formação universitária, vinda do meio estudantil. Hoje em dia, coisas como o hip-hop, o rap e o samba começam a influenciar até mesmo os compositores de classe média e há uma interferência positiva nisso. No futuro, acho que haverá fusões muito importantes, considerando também novas mídias e possibilidades tecnológicas. Talvez em breve a gente possa compor parcerias, baixando da Internet para um celular."





Garganta

Totonho Villeroy

1 Minha gar gan taes tra nha... quan do não te ve jo Me vem um de se jo doi do de gri tar

5 Minha gar gan taar ra nha... a tin taes a zu le jos Do teu quar to, da co zi nha, da sa la dees tar

9 Vem a ma dru ga... da per tur bar teu so no Co mouu cão sem do no me po nha la dar

13 A tra ves soo tra ves set ro, te te vi ro pe loa ves so Tua ca be çam lou que

16 ço, fa ço, la ro dar

Gm D# D7/A Gm
 Minha garganta estranha quando não te vejo
 D# D7/A Gm
 Me vem um desejo doido de gritar
 D# D7/A Gm
 Minha garganta arranha a tinta e os azulejos
 D# D7/A Gm
 Do teu quarto, da cozinha, da sala de estar
 D# D7/A Gm
 Minha garganta arranha a tinta e os azulejos
 D# D7/A Gm
 Do teu quarto, da cozinha, da sala de estar
 Cm7 F7 B9
 Vem a madrugada perturbar teu sono
 D7(b9) Gm
 Como um cão sem dono me ponho a ladrar
 Gm/F# Gm/F Gm/E Eb7M
 Atravesso o travesseiro, te reviro pelo avesso
 D7 Gm
 Tua cabeça enlouqueço, faço ela rodar
 D# D7/A Gm
 Atravesso o travesseiro, te reviro pelo avesso
 D# D7/A Gm
 Tua cabeça enlouqueço, faço ela rodar

Cm7 F7 B9
 Sei que não sou santa, às vezes vou na cara dura
 D7(b9) Gm
 Às vezes ajo com candura pra te conquistar
 Gm/F# Gm/F Gm/E Eb7M
 Mas não sou beata, me criei na rua
 D7 Gm
 E não mudo minha postura só pra te agradecer
 D# D7/A Gm
 Mas não sou beata, me criei na rua
 D# D7/A Gm
 E não mudo minha postura só pra te agradecer
 Cm7 F7 B9
 Vim parar nessa cidade, por força da circunstância
 D7(b9) Gm
 Sou assim desde criança, me criei meio sem lar
 Gm/F# Gm/F Gm/E Eb7M
 Aprendi a me virar sozinha,
 D7 Gm
 e se eu tô te dando linha é pra depois te abandonar
 D# D7/A Gm
 Aprendi a me virar sozinha
 D# D7/A Gm
 e se eu tô te dando linha é pra depois te abandonar

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Keiko

Totonho Villeroy
e Fernando Corona

Som de gamelões, incenso de jasmim, enfeites de origami / No porão do armazém, atendia uma nissei
 Ex dublê de Mata Hari, instrutora da tai chi / Dominava o javanês e música de Bali / Fez um filme em Hong Kong
 Vendeu flores em Shangai e foi gueixa em Nagasaki / Falou que o seu amor / Era louco quem ousasse seduzir
 Que petrificava quem olhasse bem / Nos seus olhos furta cor / E cor e cores são as vitrines de São Paulo, no metrô

Num grafiti à meia-noite, reluziu / O seu poema de visões

Keiko de Shangai / Nissei de Hong Kong / Salmão, gengibre e outra raiz / Lá se foi um jarro de saquê

Vendo os passos tortos de um país / Decupado nos reclames de tevê

Retirantes, órfãos e zumbis / Replicando nos contornos da babel / Pestilentos ratos de Camus / Afogados nos ditames do cartel
 Um símio fliperou / Digitando um Macintosh / Em meio tom, vendo a millus um poeta traduziu: - no latim ela tem cor!
 É cor e cores vão / Pelas tardes do Brasil, a pleno sol / Na garoa minha vênus esculpiu / O seu poema de visões
Keiko de Shangai / Nissei de Hong Kong / O poema de Keiko era algo indecifrável... / Ela nasceu num canto pobre de
 Manhattan

e depois de viver experiências incríveis veio morar no **Brasil** / Era mestre em artes zen e procurava o amor verdadeiro !
 daí sua idéia de petrificação retirada de um antigo conto persa / Mas o poema falava em noite rubra...com uma densa atmosfera...
 De trovão e chuva / Depois da tempestade o caos se dissolveu e fomos tomar **chá!** / Ai! E vivemos...

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

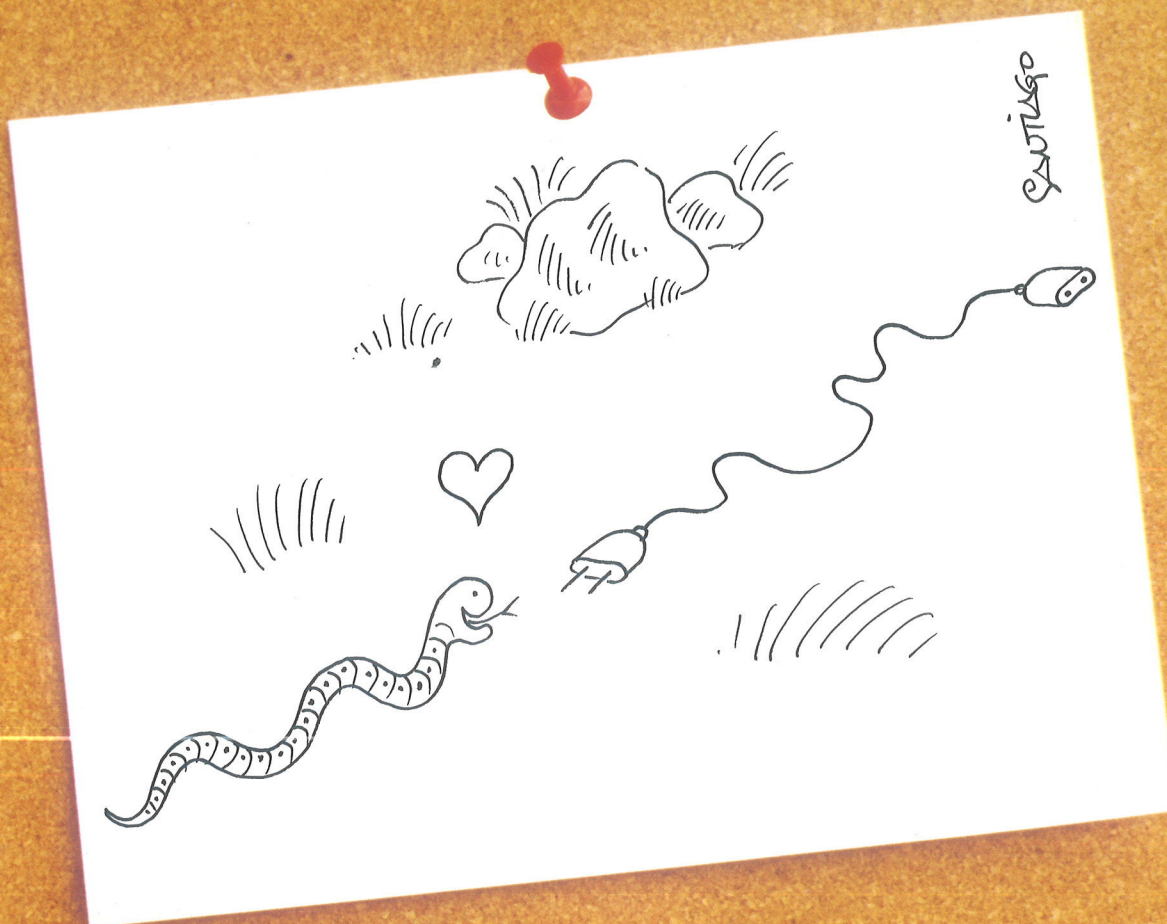
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul


CEEE
www.ceee.com.br


GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura